

ÓPERA 35

Marcle Vanessa Menezes Santana

There will be time, there will be time
 To prepare a face to meet the faces that you meet;
 There will be time to murder and create,
 And time for all the works and days of hands
 That lift and drop a question on your plate;
 Time for you and time for me,
 And time yet for a hundred indecisions
 And for a hundred visions and revisions
 Before the taking of a toast and tea.
 (T. S. Elliot)

Muito tempo fazia, mas não tinha como voltar no tempo. O que era para ser e não foi agora não tem vez. Largou planos, abandonou sonhos e se viu com uma vontade de se reconstruir por inteiro, pois tudo pedia uma mudança. Ninguém lhe garantiu companhia, mesmo quando a solidão te afogava e afagava. Apenas um ser o comovia e acompanhava: a barata. Já estava acostumado com aquela presença que antes causava nojo e que, agora, seria capaz de comer no mesmo prato que ela.

Quando retirava suas roupas sentia um cheiro enjoativo de naftalina. Era o momento de mudar. É melhor saber que uma vida sobrevive ao seu passado e apenas o cheiro de mofo povoando suas narinas. Muita coisa passaria a fazer sentido, a exceção seria a sua barata de estimação: inócua, delicada, dedicada, uma amiga inseparável, como fora sua tuba. Passado e presente em um mesmo local. Prende-se o momento através das eternas amarras das lembranças. O que é ruim se torna eternamente ruim; até o que é bom se perpetua bom nos recantos mais vívidos das lembranças...

O quarteto patético que toca é formado pelo sentido grego. Uma menina de dezoito anos olha e não ouve, está esperando o ônibus. Ao lado dela, uma senhora de mais de oitenta anos, sentada, esperando nada, talvez a bondosa Senhora Morte. Uma conversa inusitada, a experiência pergunta com certa ingenuidade o que a mocinha está a fazer.

– Estou esperando o ônibus – disse com tal convicção que parecia dizer que estava esperando uma vida, uma vida que não vinha, que não acontecia.

– Moro aqui há muito tempo. Sei como são essas coisas, – apesar de fazer muito tempo que não saía de casa – já já chega, minha filha. Você mora aonde?

A garota percebe o erro de português, mas aponta o dedo indicador para o horizonte tentando, em vão, tentando mostrar que sua casa fica a aproximadamente dois quilômetros dali.

– Não sei onde fica, minha filha, me desculpe. – “Como não sabe?”, pensou, “Não mora aqui há muito tempo? E esse ônibus que não chega...”, para a senhora é fácil falar, pois sua vida veio e agora parece estar pedindo carona ao carro de Hades mais próximo. E o tempo parece que parou. A senhora oferece abrigo e água como remédio para o sol escaldante, cadeira para descansar sonhos vazios de esperança que aquela moça carregava como seu fardo de vida. Para coroar este momento, apenas uma música desconhecida, executada sem coordenação. Tudo parece ter seu momento, mas há de se convir que a dor é a espera.

– Essa música é tão bonita. É triste por ser alegre. Me emociono sempre que esses rapazes a tocam. Você gosta?

– Sim, gosto – notando mais um erro de português, mas na realidade a moça não prestou atenção à canção, apenas instrumentos separados, desconexos e o pensamento fixo, uma ideia: como não havia prestado atenção àquela melodia? Tanta coisa acontecia, tudo a ocupava.

Espera. Eles precisam de um maestro, bem, quem sabe esta Senhora poderia orquestrar a banda? Gosta tanto, se emociona tanto, seria interessante... Em algum recanto de sua memória veio a imagem de uma senhora tentando se equilibrar em suas próprias pernas, tentando se fazer alta pela altura, muito mais que pela sua alma, conduzindo de maneira sôfrega um grupo desiludido de suas habilidades musicais.

– Eles tocam tão bem. São uma graça divina. Você não acha?

– Sim, claro.

– Meu neto faz parte desta obra!

– Quem é ele?

– O que está de blusa verde.

– Qual deles? Todos estão usando blusa verde...

– Ah, é verdade, me desculpe! Ele está ali, veja, é o da direita do que toca tuba. Consegue vê-lo?

– Sim. Ele toca entusiasmado.

– Sim, sim. É um amor de menino. Estudioso que só, bom caráter, bonito...

E o ônibus que não vem. As músicas tocam, trocam e o ônibus nem sombra. Fim da trilha sonora da tarde. Uma menina de 80 e tantos anos do futuro, uma senhora de 18 do passado. São quatro seres ineptos, a tocarem sem regimento, apesar de tudo parecer bem organizado no caos da vida em que se conhece e sente um pouco do cheiro da barata se sobrepondo ao da naftalina no enterro de mais um dia de suas vidas comuns.

